

O ESTALO



Luís Dill

SINOPSE

Uma chuva forte, um barulho alto, um estalo. Não há tempo para pensar em nada. Rui e Júlia não conseguem se mexer direito. Sozinhos e com uma noite inteira pela frente, os dois jovens não têm muito o que fazer. Enquanto esperam, conversam e se conhecem melhor. Construída exclusivamente na forma de diálogo, esta narrativa prende a atenção do jovem leitor, que se identifica com a envolvente história que se desenrola diante de seus olhos e com os cativantes personagens que a protagonizam.

APRESENTAÇÃO

“Alto. O barulho mais alto que já ouvi. Uma coisa horrível. Parecia uma bomba. (...) O estalo, um ou dois segundinhos, e bum! Veio tudo abaixo.”

O prédio em construção desaba e de repente ali estão os dois jovens, soterrados, Rui e Júlia. Como as vítimas do terremoto no Haiti. Como os mineiros que ficaram presos em uma mina do Chile. Tudo que Rui e Júlia, imobilizados, podem fazer é esperar pelo socorro. Enquanto isso, conversam. E há muito o que falar porque, logo descobrimos, eles na verdade mal se conheciam. E a conversa, tensa, emocionante, é extremamente reveladora.

O autor, Luís Dill, jornalista e escritor, que tem uma vasta e reconhecida obra dirigida aos jovens e ao público em geral, mostra aqui todo seu talento e, recorrendo exclusivamente ao diálogo, sem descrições, sem comentários, conta-nos uma história emocionante. Rui e Júlia aos poucos vão se revelando: ele, um jovem de família de classe média; ela, menina pobre que trabalha para se sustentar. Ambos têm seus sonhos, suas preferências (em matéria de música, de tatuagem), suas opiniões sobre o Brasil e sobre a vida; ambos falam de seus problemas, de seus planos. É um processo de recíproca descoberta, e o resultado é que a gente simplesmente não consegue parar de ler.

A vida, diz Luís Dill, se impõe, mesmo nas circunstâncias mais difíceis. Uma mensagem que só um grande escritor saberia como transformar numa fascinante narrativa.

— por MOACYR SCLIAR.

O ESTALO



Luís Dill

FICHA TÉCNICA

Ilustrador: Rogério Coelho

Formato: 15,5 x 23 cm

Número de páginas: 104

Coleção: Metamorfose

ISBN: 978-85-385-4348-0

PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

A obra “O estalo” é elaborada a partir de um diálogo entre dois personagens adolescentes — Rui e Júlia — que se envolvem em uma situação de risco. Ambos estão presos, à espera de socorro, sob os escombros de uma construção que desabou. Mas enquanto o socorro não vem, discutem sobre suas vidas, sobre o seu relacionamento e sobre o encontro que os levou a tal situação. O que poderá ser utilizado para despertar o interesse do leitor adolescente é o fato de a narrativa toda apresentar-se em forma de diálogo (discurso direto) e em linguagem coloquial.

Sabemos que os elementos que compõem a obra dialogam entre si: título, capa, informações que constam nas orelhas do livro (prefácio e biografia) e ilustrações. Então, é importante chamar a atenção dos alunos para esses elementos, percebendo que diálogo é possível estabelecer entre eles, a partir de outros focos além das palavras.

Título: Para motivar a leitura desta obra, pode ser interessante trabalhar com o significado da palavra “estalo” (um ruído súbito), ou com a expressão “de estalo”, que significa algo inesperado. Aponte também outro uso da palavra estalo: uma ideia repentina, um “insight”. A partir desses significados, levante uma discussão sobre as situações repentinas, inesperadas vividas pelos alunos e até que ponto esse repentino ou inesperado mudou o rumo de suas vidas.

Capa e ilustrações internas: Procure motivar a percepção dos alunos sobre a pouca quantidade de cores utilizadas na capa e nas ilustrações internas. Como a cor só existe por causa da luz, num ambiente de pouca luz não se tem cor. Busque levantar a discussão sobre a expectativa que a capa provoca sobre a história que irá se desenvolver nesta obra. É importante chamar a atenção para as ilustrações de Rogério Coelho, que se aproximam do estilo grafite e que

O ESTALO



Luís Dill

tão bem dialogam com elementos da urbanidade e com a informalidade da linguagem utilizada pelos personagens desta obra.

Orelhas (prefácio e biografia): É importante realizar a leitura das informações das orelhas do livro, lembrando que nada pode ser desprezado, já que um livro se compõe desses elementos em diálogo com a obra literária.

Biografia: Ler a biografia do autor é uma estratégia interessante de motivação, que cria um *link* para apresentar o autor do livro e algumas de suas características que dialogam com o estilo da obra. Não se pode ignorar, nesse caso, a informalidade na biografia de Luís Dill, que também é apresentada em formato de diálogo.

Prefácio: A leitura do prefácio pode ser feita num sentido de percepção do olhar de outro escritor sobre a obra e de como este apresenta o autor aos leitores. Procure buscar com seus alunos um pouco sobre o autor do prefácio — Moacyr Scliar — que, como Luís Dill, também é gaúcho.

Outra estratégia para a motivação da leitura pode ser a de iniciá-la em voz alta, em sala, selecionando uma dupla de alunos, um menino e uma menina, para ler as falas das personagens. Após a leitura de um trecho inicial, faça uma discussão com a turma toda, levantando hipóteses diversas sobre o que teria de fato acontecido. Em seguida, proponha a continuação da leitura.

EXPLORAÇÃO DA LEITURA

Realizada essa primeira motivação e a leitura do livro, pode-se dar início ao trabalho de exploração da leitura, com a análise dos elementos da narrativa e as questões ideológicas que aparecem no decorrer do texto. Para isso, trabalhe com os alunos elementos que os permitam visualizar o contexto da obra, como os que se seguem:

Ambiente / espaço: A análise da obra pode ter início pelo ambiente/espaço, já que é em torno da situação de desabamento que se dá a revelação da trama pelo diálogo dos personagens presos pelos escombros da construção que veio abaixo. Nesse momento, proponha aos alunos que identifiquem detalhes do ambiente que se deixam revelar nas falas dos personagens (a forma como estão presos às pedras, no momento em que Rui orienta Júlia sobre como retirar uma pedra que a machuca; a mesa de grávia que os protege e que é o pretexto para o início do diálogo entre os dois e, portanto, da obra). O espaço pode ser percebido levantando-se as evidências no decorrer da leitura sobre em

O ESTALO



Luís Dill

que tipo de local ocorreu o desabamento que os aprisiona (uma construção, em uma cidade litorânea onde mora Júlia e onde Rui passa as suas férias).

Após esse levantamento, é possível buscar relações contextuais, que podem ser percebidas tanto num sentido social (buscando fatos semelhantes na realidade e que afetaram a coletividade), como num sentido pessoal (os sentimentos e sensações de uma pessoa soterrada). Então, proponha aos seus alunos que busquem informações sobre, por exemplo, o terremoto no Haiti, as enchentes e deslizamentos de morros em Angra dos Reis ou em Santa Catarina, os chilenos soterrados em uma mina. Procure fazê-los discutir um pouco sobre as situações-limite a que o ser humano está exposto e, principalmente, sobre como se pode lidar com as consequências desses desastres. Analise como as personagens buscaram a superação da sua situação-limite. Discuta com os alunos sobre as sensações ou sentimentos que pode ter um ser humano numa situação-limite. Para isso, pode-se buscar depoimentos reais nos noticiários e também propor a cada aluno que se imagine em uma situação-limite para, assim, exercitar suas sensações. Esse exercício pode resultar em produção de textos poéticos: você pode pedir para que cada um registre suas sensações, utilizando palavras e recursos linguísticos que as traduzam (como metáforas e comparações).

Personagens e conflito: Como toda história contada apresenta pelo menos um foco de conflito, provoque a percepção dos leitores para os conflitos psicológicos e sociais que se desenvolvem nesta obra. Nesse sentido, não se pode deixar de perceber conflitos entre as realidades tão diferentes dos personagens Júlia e Rui: ela trabalha e luta pela sua sobrevivência e da família; ele recebe tudo da família, que vive uma condição de classe média alta.

Outro conflito reside num terreno mais subjetivo: o da afetividade, no sentido de como os adolescentes se relacionam. Pode-se propor um debate em sala de aula sobre questões dessa natureza: como era antes e como é agora a relação adolescente (namorar, ficar)? O que se busca numa relação como a que se estabeleceria entre Júlia e Rui a partir daquele encontro, cujo plano inicial era diferente do rumo que tomou durante o acidente que os envolveu? Quais eram as intenções iniciais de Rui ao marcar o encontro numa construção e com uma menina como Júlia, tão diferente dele? Como ela estava reagindo ao propósito de Rui? A discussão pode tomar uma dimensão real, de percepções da forma como os adolescentes vivem suas emoções, mas o ponto de partida é a percepção e análise das personagens. Outros pontos que aparecem nas discussões entre Rui e Júlia são padrões de beleza (a preocupação constante de Júlia com o seu visual), o estereótipo de *nerd* (jargão utilizado para quem é estudioso e entende muito de tecnologias) que parece envolver Rui (que sempre sabe tudo, como tudo funciona), os dois mundos diferentes em que vivem, o amor e as mentiras e a situação de perigo que envolve ambos. Esses são conflitos que se cruzam na obra, fazendo dela um romance (caracterizado por

O ESTALO



Luís Dill

vários focos de conflito). Procure salientar as relações existentes entre esses conflitos e sua interdependência.

Para a percepção dos conflitos, é importante fazer uma caracterização dos personagens Rui e Júlia, reunindo nesse momento todos os detalhes sobre cada um: como agem diante das diferenças percebidas na análise anterior? Que preocupações cada um revela nas suas falas e como isso nos faz supor características psicológicas de cada um?

Depois de uma percepção mais completa das características das personagens, pode-se até propor um debate, sugerindo que as meninas defendam características psicológicas supostas para Júlia e os meninos para Rui. Porém, cada grupo deve se apoiar em indícios apresentados no livro, tendo que comprovar suas suposições e/ ou acusações.

Linguagem: A linguagem que se desenvolve em “O estalo” merece atenção especial, pois ela se apresenta inteira em discurso direto. Como são dois adolescentes os personagens que dialogam, a informalidade (a linguagem coloquial) com todas as suas gírias e marcas da oralidade sugerem que se coloque em discussão a linguagem utilizada por essa faixa etária. Será fácil para os leitores adolescentes se reconhecerem na linguagem das personagens, porém, não será tão fácil que percebam as diferenças entre o coloquial apresentado no livro e a escrita formal. Uma atividade que pode ser feita para desenvolver essa percepção dos diferentes falares e da escrita é pedir aos alunos que transponham várias vezes trechos dos diálogos para outras diversas situações: um diálogo entre um casal de adultos, um diálogo entre adolescentes de outras regiões do país, um diálogo entre um casal de idosos, um diálogo entre duas crianças, transcrição para discurso indireto com linguagem formal, transcrição jornalística (a notícia sobre o ocorrido com Júlia e Rui) etc.

Para essa atividade devem ser percebidas anteriormente as marcas da oralidade, da informalidade, do regionalismo, da faixa etária presentes no diálogo.

Lendo as entrelinhas: Há muitas coisas que não são declaradas pelo autor, mas que em pequenas sutilezas provocam percepções nos leitores, e percepções que variam de um leitor para outro. Essas sutilezas devem ser exploradas, pois vão gerar hipóteses de variadas possibilidades de leitura. A atividade de debate (proposta anteriormente) sobre as percepções emotivas (sensações, sentimentos, razões) dos personagens ajuda a explorar as entrelinhas possíveis no decorrer do texto de Luís Dill, que podem ser percebidas nas falas das personagens e também nos momentos em que estes fazem silêncio.

O ESTALO



Luís Dill

Outra possibilidade de exploração das entrelinhas é a interpretação do título num sentido figurativo (como já mencionado anteriormente): uma ideia repentina, uma percepção repentina, o inesperado. É importante agora propor a relação desse sentido figurativo de “estalo” com o contexto da obra, buscando razões para o título. Por que “o estalo” é tão importante a ponto de virar o título da obra?

Foco narrativo e tempo: Como se trata de um diálogo, numa situação específica e num momento de vida dos personagens, é interessante buscar com os alunos percepções acerca de quanto tempo Rui e Júlia teriam ficado naquela situação crítica. Ainda pode-se pesquisar quanto tempo uma pessoa poderia sobreviver numa situação dessas. Como não há um narrador interferindo na história, pode-se solicitar a percepção dos alunos quanto ao tempo presente que envolve as personagens na situação momentânea que vivenciam e de como esse momentâneo se relaciona a outros momentos de suas vidas, observando algumas lembranças e referências a outras situações que trazem à tona na sua conversa e que, por sua vez, esclarecem ao leitor fatos anteriores (por exemplo, de como eles foram parar numa construção; ou ainda sobre as condições de vida de cada um — ela trabalha, ele passa as férias na cidade de Júlia).

Produzindo a partir do texto: No item “Ambiente / espaço” foi proposto um exercício de experimentação de sensações e sentimentos que pode resultar em produção de textos poéticos, orientando os alunos para que registrem as sensações experimentadas, fazendo uso de uma linguagem figurativa, buscando as palavras mais adequadas, que mais do que expliquem, sugiram sentidos (como as metáforas e comparações).

Outra atividade de produção está proposta no item “Linguagem”. Trata-se da transcrição de discursos a partir da percepção e exploração dos diferentes falares que são revelados no diálogo informal. É importante despertar nos alunos a consciência sobre a diversidade linguística, e que nenhuma forma é mais correta do que a outra, mas cada uma delas tem o seu contexto, a sua realidade, o seu espaço e situação adequados. Não se pode exigir a formalidade num diálogo entre dois adolescentes, e também não se pode utilizar a gíria em uma notícia de jornal. Essas produções propostas podem ser concretizadas em:

- * um conto, ou crônica — texto curto que exponha uma situação incomum revelada num diálogo entre um casal de adultos, um diálogo entre adolescentes de outras regiões do país, um diálogo entre um casal de idosos, um diálogo entre duas crianças.
- * um texto jornalístico — transcrição para discurso indireto com linguagem formal da situação vivida pelos personagens Júlia e Rui. Ou uma transcrição jornalística sobre o desabamento de que Júlia e Rui foram vítimas

O ESTALO



Luís Dill

(elaboração de notícia ou reportagem), explorando o momento tão esperado por Júlia, de sair daquele lugar e virar notícia.

EXPANSÃO DA LEITURA

Nesse momento é importante despertar nos educandos a percepção de que uma leitura não esgota todas as possibilidades de interpretação. Uma obra literária é fruto de uma rede de interações e de releituras de mundo, de pessoas, de fatos, de locais, de sensações, sentimentos, vivências e memórias que na palavra do autor ganham novas dimensões, se entrecruzam, sendo reinventadas de modo que já não é o autor que as vivencia, e sim a sua criação (suas personagens).

Por isso, quando se lê, outras interferências surgem na imaginação do leitor, que ativa inúmeros *links* com outras realidades ou fantasias imaginadas ou vividas por ele próprio, ou em outras leituras, de outros autores.

Então, proponha aos seus educandos outras leituras, que vão ajudar a estender a sua imaginação a outros campos, enredando-os pela sua similaridade em qualquer aspecto. Esse momento da leitura significa ir além da obra literária e, sem perdê-la de vista, propor relações com outras leituras, que podem ser tanto outras obras literárias, como também filmes, obras de arte, canções. Aqui tanto se abre a percepção para outros gêneros, como para a especificidade da linguagem literária, que comparada a outras linguagens deve ser explorada.

Algumas obras que podem estabelecer esses links com “O estalo”:

1. Obra literária: “Balada do enterrado vivo”, de Vinícius de Moraes.

Este poema traduz a sensação de alguém que desperta dentro de um caixão, tentando em vão se comunicar com o mundo externo para dizer que está vivo. A provocação para a leitura deste poema pode surgir a partir da atividade proposta no item “Ambiente / espaço”, em que se provoca os leitores a imaginar uma situação-limite e quais as sensações e sentimentos dela decorrentes para posterior elaboração de textos poéticos. O poema pode ser lido para mostrar um foco poético desse tipo de sensação de claustrofobia e possibilidade de morte, também experimentada pelos personagens Júlia e Rui, em “O estalo”.

2. Obras literárias: poemas dos livros *Cantigas de adolescer* e *Amor adolescente*, de Elias José.

O ESTALO



Luís Dill

A partir do conflito revelado em “O estalo” (um relacionamento despontando ou se resolvendo, entre os adolescentes Júlia e Rui, numa situação de perigo) é possível discutir as maneiras como se relacionam os adolescentes na atualidade. Indo além, pode-se propor cruzamentos de leituras sobre o universo adolescente, suas transformações, desafios, conquista da maturidade, trabalho, escola, namoro, sentimentos, etc. Os poemas de Elias José em *Cantigas de adolescer* e *Amor adolescente* oferecem várias possibilidades de percepção e experimentação num foco poético sobre esses assuntos que envolvem o universo adolescente, sobretudo a descoberta do amor. Em *Cantigas de adolescer* o autor busca inspiração na poesia medieval, em que duas vozes distinguem as cantigas de amigo e as cantigas de amor, expressando a espera incansável do amor distante pelas mulheres, ou por jovens rapazes cortejando as moças. Ele cria dois eus-líricos para expressar os sentimentos dos adolescentes: as cantigas de Maria e as cantigas de João, desvendando o foco masculino e o feminino sobre o amor. *Amor adolescente* é uma ampliação de *Cantigas de adolescer*, revelando mais uma vez o universo masculino e feminino dos adolescentes em suas descobertas, tratando com muita delicadeza as pequenas e cotidianas situações.

3. Canção: “Amanhã”, de Guilherme Arantes.

No momento em que Júlia conta a Rui sobre a origem do seu nome, ela faz referência a uma personagem de mesmo nome, de uma novela, admirada por sua mãe, citando também a música tema da referida personagem (“Amanhã”, composição de Guilherme Arantes). Trata-se da novela “Dancin’ Days”, de Gilberto Braga, que foi ao ar pela Rede Globo de Televisão, em 1978. A personagem de Gilberto Braga, Júlia, era uma ex-presidiária que lutava para recuperar a filha e o seu lugar na sociedade. O tema musical “Amanhã” desvendava a esperança da personagem num amanhã possível e cheio de mudanças positivas, “um lindo dia, da mais louca alegria”. Assim como Júlia e Rui esperam o amanhecer de um novo dia para serem resgatados. Pode-se propor a relação entre a música “Amanhã” e a esperança de Júlia e Rui de continuarem suas vidas, buscando trechos em que revelem planos futuros, contando com a possibilidade de sobreviverem ao acidente.

4. Canção: Eduardo e Mônica, de Renato Russo.

Nessa canção Renato Russo aborda a atração entre os diferentes: uma história de amor incomum, fora dos padrões, inclusive porque a figura feminina é que se mostra a mais forte (Mônica tem mais idade que Eduardo, mais estudo, mais vivência). Na leitura de “O estalo” também é possível perceber que dois opostos se atraem. Nesse momento, pode-se partir da análise já feita dos personagens Rui e Júlia para tecer as relações com a canção de Renato Russo. É importante ressaltar a troca de papéis em “Eduardo e Mônica” e em “O estalo”: na comparação entre os personagens levante as percepções dos alunos quanto

O ESTALO



Luís Dill

à figura forte da história (o mais informado, com mais estudos, o que tem respostas para as dúvidas, o que transmite segurança ao outro), tanto no livro “O estalo”, como na canção “Eduardo e Mônica”. Pode-se propor também alguns paralelos com a realidade, em situações em que os opostos se atraem.

5. Filme: “10 coisas que eu odeio em você” (1999, sob a direção de Gil Junger, baseado na obra de William Shakespeare, “A megera domada”).

Comédia de 97 minutos, o filme aborda as relações dos adolescentes na escola e nas festas, suas expectativas de namoro e a diferença entre duas irmãs, cujo pai, extremamente severo, estabelece que a filha mais nova (que só pensa em namoro) só poderá namorar quando a mais velha (que abomina namoro) tiver um namorado. A partir dessa determinação do pai os pretendentes da caçula contratam um garoto com fama de mau para conquistar a difícil irmã mais velha. Esse conflito central, que se desenvolve a partir desse desafio, revela também os opostos que acabam se atraindo, mas dessa vez não por acaso. Pode-se analisar as características dos personagens que formam os pares centrais (do filme: a irmã mais velha — moça de família tradicional — e o garoto contratado para conquistá-la, o garoto mau; do livro: Rui — o garoto de família tradicional e abastada — e Júlia, a garota que precisa trabalhar para ajudar a família e que reúne traços mais despreocupados com as convenções sociais, como tatuagem no corpo). É interessante chamar a atenção também para o fato de que as diferenças não caracterizam apenas uma questão da atualidade, sendo inspiração para grandes histórias de amor da ficção mundial. Em “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare, a intolerância entre as famílias leva dois jovens a uma tragédia. Ainda falando de Shakespeare, em “A megera domada” (1596), que serviu de inspiração ao filme “10 coisas que eu odeio em você”, uma trama de mentiras, dominação e trapaças é tecida em nome do amor: por amor vale tudo. É uma comédia de costumes que tece críticas ao machismo. E o filme é uma versão moderna dessa história, voltada para o universo adolescente de intrigas e descobertas amorosas. A abordagem do filme pode ser uma excelente oportunidade para fazer com que os adolescentes realizem a leitura de um clássico da literatura e da dramaturgia mundial: “A megera domada”.

6. Obra artística, pintura: Basquiat.

A arte de Basquiat, chamada de “primitivismo intelectualizado”, uma tendência neo-expressionista, retrata personagens esqueléticos e apavorados, carros, edifícios, policiais, ícones negros da música e do boxe, cenas da vida urbana, além de colagens, junto a pinceladas sempre em cores fortes. Basquiat é um dos principais nomes da arte contemporânea, que abriu caminho para a aceitação da arte urbana (arte de rua) que já começa a ganhar espaço em museus de arte, já que o seu período mais criativo (1982 a 1985) retoma as raízes negras e o grafite. Filho de pai e mãe caribenhos, Jean-Michel Basquiat

O ESTALO



Luís Dill

deixou a sua vida de classe média alta para viver nas ruas de Nova York, praticando a sua arte e desafiando o racismo dos brancos norte-americanos.

Lembrando a proposta inicial no item “Ilustrações” deste encarte, sugere-se aqui a comparação das ilustrações de “O estalo” com a arte urbana (arte de rua), principalmente com o grafite. O efeito buscado pelo ilustrador Rogério Coelho nos remete ao ambiente de cimento da construção em que Rui marcou o encontro com Júlia, pelo uso de cores opacas, como o cinza, azul escuro e preto, já que os personagens ficam soterrados, portanto, sem luz. A ideia de caos, tudo misturado, em desordem, fora do lugar convencional, o que pode sugerir interpretações relativas à situação de soterramento, e também de como isso pode ter desorganizado suas vidas naquele momento. Assim também a arte de rua, principalmente o grafite, trabalha com o caótico, a mistura de elementos diversos e mutantes da realidade das ruas, como ocorre em Basquiat. É oportuno, nesse momento, escolher alguma obra de Basquiat (sugestão: sem título, 1984) e analisar a composição de todos os seus elementos, fazendo uma aproximação com a realidade urbana de hoje. Pode-se buscar um embasamento nos jornais, para a comparação com a realidade atual. Em seguida, pode-se propor reflexões e discussões, e até alguma representação visual (desenho, fotografia, charge, quadrinhos, colagens) de como os adolescentes veem, ou vivem a urbanidade hoje (cada um propõe seu próprio foco da realidade urbana).

7. Obra artística, pintura: Os Gêmeos.

Os irmãos brasileiros, nascidos em São Paulo, Gustavo e Otávio (conhecidos internacionalmente com o OS GÊMEOS) começaram como representantes do *Hip hop*, no final dos anos 80. Esses artistas são conhecidos por suas grandes intervenções urbanas e suas obras misturam a dura realidade urbana a uma influência folclórica, como se lendas, sonhos e histórias populares guiassem a vida dos cidadãos em pleno século XXI. Ultrapassando a arte de rua, o grafite, seu trabalho chegou a museus do mundo inteiro. Sua arte hoje inclui a escultura e a customização de objetos do cotidiano em tamanho gigante, como carros, barcos, túneis, casas. E o curioso é que na maioria das obras é possível algum tipo de interação. Fazendo parte dos pioneiros no cenário nacional do grafite, Gustavo e Otávio estabelecem um diálogo muito interessante e necessário dessa técnica com as artes em instalações, pinturas, esculturas e objetos sonoros. Então, a sugestão é procurar conhecer um pouco mais sobre esses dois artistas brasileiros que figuram já entre os mais considerados artistas contemporâneos do mundo, estabelecendo um diálogo entre os elementos de sua obra com o livro “O estalo”.